

santos dumont: de volta para o futuro

Num museu que tem o “amanhã” no seu nome, faz sentido apresentar uma exposição sobre uma pessoa e acontecimentos de um século atrás? Esta é a pergunta que certamente muitos se farão ao tomar conhecimento da mostra O Poeta Voador, sobre a obra de Alberto Santos Dumont, que acaba de estrear no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Minha resposta pessoal à pergunta não é isenta. Considero Santos Dumont o patrono do design brasileiro e estou convicta de que difundir sua obra é essencial para inspirar nós, brasileiros, a fazer uso da tecnologia na criação de objetos que possam melhorar a vida das pessoas. Fico, portanto, muito feliz que a direção do museu tenha escolhido esse tema e incumbido o designer Gringo Cardia e o físico Henrique Lins de Barros da curadoria da mostra.

O nome de Santos Dumont é super conhecido. Paradoxalmente, o que vem à cabeça das pessoas à sua menção é muito pouco, resumindo-se ao título de pai da aviação – que, mesmo assim, é contestado – e a meia dúzia de curiosidades. Fica obnubilado, assim, o seu gênio criativo, manifesto num legado plural. O mais incrível é que Santos Dumont conquistou feitos muito importantes ainda muito jovem, no período entre os 25 e os 36 anos de idade.

Em 1898, aos 25, subiu aos céus de Paris, onde morava, com sua primeira criação, o balão Brasil. Ele já começou subvertendo: em vez das dimensões usuais dos balões – de 500 a 2 mil metros cúbicos de capacidade, fez um de 113 metros cúbicos e apenas seis metros de diâmetro, o menor construído até então. O tamanho diminuto – ele cabia numa maleta – era uma temeridade para a época.

Sempre desafiando conceitos pré-estabelecidos, abandonou a forma esférica dos balões e optou pela cilíndrica, comprida e fina, terminada em cone, para que pudesse “fender o ar”. Outra inovação foi o uso do motor a petróleo, ou motor à explosão – até então usado em automóveis –, ao invés de a vapor ou elétrico. Seus colegas acharam que era uma loucura e argumentavam que a faísca poderia incendiar o hidrogênio, gás combustível usado para inflá-lo. Santos Dumont insistiu em sua solução, por a considerar mais potente, leve e compacta.

Foi com o uso pioneiro do motor a petróleo na aviação que ele, em 1901, construiu o primeiro dirigível da história com o qual voou num trajeto pré-estabelecido. Antes, voava-se ao sabor dos ventos. Outro marco, aos 33 anos de idade, veio com o 14bis, quando provou ser possível levantar voo, voar e pousar com um aparelho mais pesado que o ar.

O ápice, contudo, veio em 1909, aos 36 anos, quando concluiu o desenvolvimento do Demoiselle, que define conceitualmente o que seria o avião daí para a frente. A aeronave tinha apenas 5,1 metros de envergadura e oito de comprimento, quase a metade do tamanho do 14bis. Contando com o esbelto Santos Dumont a bordo, pesava no total 110 quilos. Ele criou até o motor, um arranjo de dois cilindros horizontais opostos, e o colocou na frente da aeronave; assim, pela primeira vez ele podia permanecer sentado durante o voo.

Gracioso e transparente, o Demoiselle é uma unanimidade em matéria de beleza, com sua fuselagem com longarinas de bambu; suas asas cobertas com seda japonesa; sua hélice de madeira. Para surpresa geral, o designer declarou o projeto de domínio público. Abrindo mão de qualquer direito, publicou o Demoiselle nº 20 e todos os seus detalhes técnicos na revista norte-americana Popular Mechanics, sendo o primeiro caso de projeto copy-left de que se tem notícia.

Além das corajosas máquinas voadoras – naquela época, não podemos esquecer, voar era um verdadeiro esporte radical –, Santos Dumont desenvolveu, construiu e experimentou vários outros engenhos: do hangar ao chuveiro com misturador de temperatura da água, passando por peças do vestuário como a camisa de colarinho duplo e o chapéu ondulado com copa alta. Incursionou até no campo do design de interiores e de mobiliário, ao projetar em 1918 a Casa Encantada, em Petrópolis, no estado do Rio, que preconiza muitas das tendências atuais nesse campo.

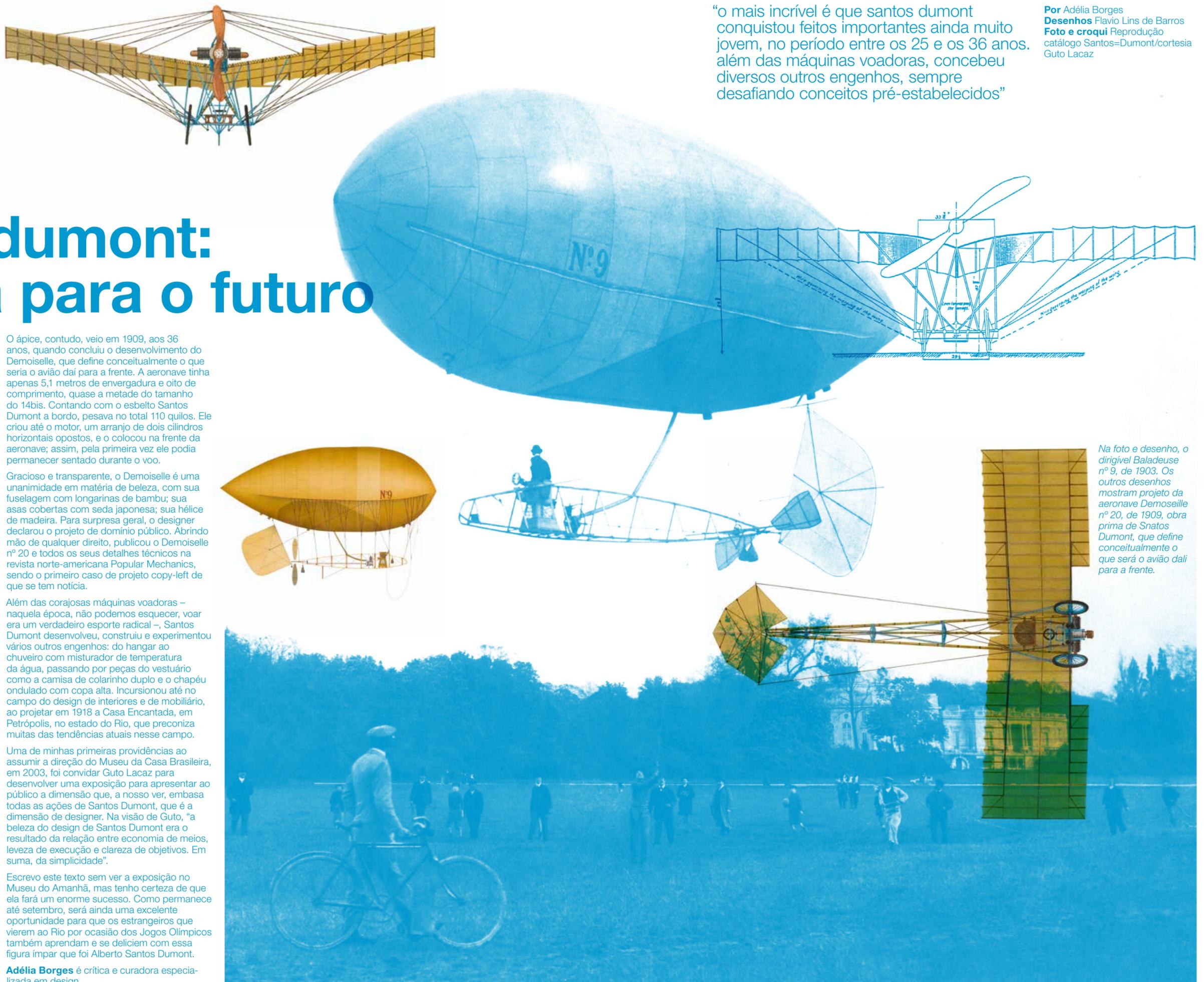
Uma de minhas primeiras providências ao assumir a direção do Museu da Casa Brasileira, em 2003, foi convidar Guto Lacaz para desenvolver uma exposição para apresentar ao público a dimensão que, a nosso ver, embasa todas as ações de Santos Dumont, que é a dimensão de designer. Na visão de Guto, “a beleza do design de Santos Dumont era o resultado da relação entre economia de meios, leveza de execução e clareza de objetivos. Em suma, da simplicidade”.

Escrevo este texto sem ver a exposição no Museu do Amanhã, mas tenho certeza de que ela fará um enorme sucesso. Como permaneceu até setembro, será ainda uma excelente oportunidade para que os estrangeiros que vierem ao Rio por ocasião dos Jogos Olímpicos também aprendam e se deliciem com essa figura ímpar que foi Alberto Santos Dumont.

Adélia Borges é crítica e curadora especializada em design.

“o mais incrível é que santos dumont conquistou feitos importantes ainda muito jovem, no período entre os 25 e os 36 anos. além das máquinas voadoras, concebeu diversos outros engenhos, sempre desafiando conceitos pré-estabelecidos”

Por Adélia Borges
Desenhos Flávio Lins de Barros
Foto e croqui Reprodução
catálogo Santos=Dumont/cortesia
Guto Lacaz



Na foto e desenho, o dirigível Baladeuse nº 9, de 1903. Os outros desenhos mostram projeto da aeronave Demoiselle nº 20, de 1909, obra prima de Santos Dumont, que define conceitualmente o que será o avião dali para a frente.